

**CAPACIDADE ABSORTIVA, CAPITAL SOCIAL, AVERSÃO AO
RISCO E PERFORMANCE FINANCEIRA DOS FAZENDEIROS DO
SUL DO BRASIL**

Área Temática: Empreendedorismo, startups e inovação

RESUMO

Diante da crescente demanda global por alimentos, a produtividade e a sustentabilidade do agronegócio tornam-se importantes para o futuro da sociedade. Produtividade esta, impulsionada pela performance financeira nas fazendas e pela habilidade dos seus gestores em se relacionarem e desenvolverem capacidade absorptiva para implementar inovações nas organizações. O agronegócio tem potencial para mudar esse cenário, se as fazendas forem financeiramente sustentáveis em um meio de troca de novos conhecimentos. Nesse contexto, esse artigo tem como objetivo analisar a Capacidade Absortiva, Capital Social, Aversão ao Risco, Performance Financeira e características dos fazendeiros do Sul do Brasil. Foi realizada uma pesquisa quantitativa descritiva, por meio de questionário com uma amostra de 222 gestores de fazendas localizadas no Rio Grande do Sul e Paraná, com foco em agricultura, pecuária, pecuária leiteira e/ou agroindústrias. Os resultados mostram que os fazendeiros são capazes de assimilar, adquirir, transformar e explorar conhecimento, valorizam o capital social, mostram uma baixa para moderada aversão ao risco e performance financeira um pouco acima do ponto neutro.

Palavras-chave: capacidade absorptiva; capital social; aversão ao risco; performance financeira; agronegócio.

ABSTRACT

Facing the increasing global demand for food, the productivity and sustainable finances of the farms are determinants for the future. Financial performance is a key factor in promoting the agribusiness development. Also, farmers' abilities to interact and absorb knowledge can contribute to change this scenario, within the agribusiness, which is the sector with potential to achieve it. This research seeks to analyze Absorptive Capacity, Social Capital, Risk Aversion, Financial Performance and the farmers' characteristics. A descriptive quantitative research was conducted with 222 farmers from Rio Grande do Sul and Paraná, with focus on agriculture, livestock, milk farming and/or agroindustries. The findings show that farmers are capable of assimilating, acquiring, transforming and exploiting knowledge. Also, they value their social capital. Their risk aversion is between moderate and low as well as their financial performance.

Keywords: absorptive capacity; social capital; risk aversion; financial performance; agribusiness.

1 INTRODUÇÃO

O crescimento populacional e a previsão do aumento da demanda por alimentos é uma preocupação de cunho global (HIGGINS; SCHROETER; WRIGHT, 2018). As projeções estimam que haverá 8,5 bilhões de pessoas até 2030 e 9,8 bilhões de pessoas até 2050 (UNITED NATIONS, 2015). A agricultura e pecuária compõem o setor primário da economia, que possui potencial para mitigar potenciais os problemas causados por esse cenário. Por isso, o agronegócio é um dos setores que precisa de inovações, cuja função não é simplesmente proporcionar conveniência, mas também alimentar o mundo de forma sustentável (CONNOLLY; TURNER; POTOCKI, 2018; TOMA et al., 2016). O termo agronegócio foi consolidado após a Revolução Tecnológica, quando as fazendas mudaram de um status de sobrevivência para um status comercial (DAVIS; GOLDBERG, 1957).

Davis e Goldberg (1957) definiram o agronegócio como o conjunto de processos envolvendo manufatura e distribuição na fazenda, como a cadeia de suprimentos, a própria produção, o estoque das *commodities*, o marketing e a venda dos produtos agrícolas. A FAO (*Food and Agriculture Organization*) também vê o agronegócio como o setor que mais gera empregos e renda, contribuindo para nutrição e segurança alimentar global (FAO, 2017). Além disso, a principal contribuição dos primeiros trabalhos acerca do agronegócio foi o fato de ser um setor ligado e interdependente com outros setores da economia (DAVIS; GOLDBERG, 1957).

O Brasil está entre os maiores produtores de cana-de-açúcar, soja, milho, café, frutas tropicais, além de ter um dos maiores rebanhos de gado de corte do mundo; tudo isso representa 36% das exportações brasileiras (ARIAS et al., 2017). A região Sul tem participação importante no agronegócio brasileiro, como uma das regiões que mais contribuem na alavancagem do país no mercado internacional de grãos e produtos agrícolas (CONFEDERAÇÃO DA AGRICULTURA E PECUÁRIA DO BRASIL, 2014). No período entre 1975 e 2015, a produção agropecuária teve 15,1% do seu crescimento atribuído à terra, 15,4% ao trabalho, enquanto 58,4% desse crescimento é devido à tecnologia (BRASIL, 2017).

O contexto de mudança e a urgência pelo aumento da oferta de alimentos ilustra um cenário desafiador. A inovação propicia o surgimento de tecnologias capazes de preencher *gaps* como a necessidade por alimentos e a escassez de recursos naturais (HIGGINS; SCHROETER; WRIGHT, 2018). Para que se possa utilizar essas inovações, habilidades e atitudes devem ser analisadas (CONNOLLY; TURNER; POTOCKI, 2018; TOMA et al., 2016). Este contexto é favorecido por um ambiente sustentável financeiramente, pois antes de serem produtivos, os fazendeiros devem sobreviver no mercado (DAVIS; GOLDBERG, 1957).

A velocidade de resposta às mudanças do ambiente é o que diferencia uma propriedade rural de êxito das demais (SHADBOLT; OLUBODE-AWOSOLA, 2016). Diante da necessidade de se adaptar, estudos mostram o papel importante da capacidade absorptiva na performance financeira (JANSEN; VAN DEN BOSCH; VOLBERDA, 2005; KOSTOPOULOS et al., 2011). Outros estudos mostram a importância das integrações sociais como forma de se obter capacidade absorptiva (MICHEELS; NOLAN, 2016; TEPIC et al., 2012; ZAHRA; GEORGE, 2002). Além disso, estudos apontam que ter uma percepção positiva sobre o risco traz benefícios aos fazendeiros frente a situações de incerteza (SHADBOLT; OLUBODE-AWOSOLA, 2016).

Assim, o alvo deste estudo é o fazendeiro, pois são as pessoas que transmitem ao negócio as qualidades humanas: fazendas inovadoras, resilientes e abertas a situações de risco dependem da manifestação desses valores por parte das pessoas que as gerenciam (SHADBOLT; OLUBODE-AWOSOLA, 2016). O objetivo deste artigo é analisar a capacidade absorptiva, do capital do social, da aversão ao risco, da performance financeira e as características dos fazendeiros do Sul do Brasil.

Esse estudo tem potencial de impacto na descoberta de comportamentos que podem beneficiar as fazendas, relacionando-os com as características dos fazendeiros que estão mais presentes em cada dimensão estudada. A estrutura do artigo é composta por cinco seções, sendo esta primeira a introdução. Na próxima é apresentada a fundamentação teórica que embasa este trabalho, seguida pelo método de pesquisa utilizado. Na seção quatro são apresentados os resultados da pesquisa e, por fim, a última seção apresenta as considerações finais do artigo.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Capacidade Absortiva

Capacidade absorptiva é a habilidade de reconhecer o valor de novos conhecimentos, adquiri-los e assimilar a informação, para transformá-la e aplicá-la (COHEN; LEVINTHAL, 1990; JANSEN; VAN DEN BOSCH; VOLBERDA, 2005; MICHEELS; NOLAN, 2016), influenciando positivamente na vantagem competitiva das organizações (ZAHRA; GEORGE, 2002).

A capacidade absorptiva é dividida em potencial (capacidade de adquirir conhecimento externo) e realizada (resultado da análise e compreensão do conhecimento adquirido), composta por quatro dimensões: aquisição, assimilação, transformação e exploração, sendo as duas primeiras pertencentes à capacidade absorptiva potencial e as duas últimas à capacidade absorptiva realizada (ZAHRA; GEORGE, 2002).

As dimensões da capacidade absorptiva sugerem que organizações que adquirem conhecimento relevante estão mais propensas a compreender tecnologias e adotar inovações (COHEN; LEVINTHAL, 1990; TSAI, 2001), logo, apresentam vantagem competitiva (TSAI, 2001; ZAHRA; GEORGE, 2002) e conseqüentemente geram maior performance financeira (JANSEN; VAN DEN BOSCH; VOLBERDA, 2005; KOSTOPOULOS et al., 2011; TEPIC et al., 2012)

O nível de capacidade absorptiva de uma organização depende da predisposição dos indivíduos em apresentarem essas capacidades (COHEN; LEVINTHAL, 1990). Por isso, é importante identificar quais características estão mais presentes nos fazendeiros que demonstram maior capacidade absorptiva, como forma de encontrar padrões que possam favorecer essas atitudes.

Capital Social

O capital social é definido como a disposição dos indivíduos ou grupos em interagir, desenvolvida pelas relações sociais (ADLER; KWON, 2002). Faz parte de uma rede de relacionamentos de valor econômico (WILSON, 2000). O capital social tem um papel importante no ambiente rural, tendo como principais elementos a confiança e a qualidade dos relacionamentos, além de cooperação e interesses comuns (RIVERA et al., 2019). O capital social dos gestores das fazendas é representado pelas suas interações com outros atores como instituições de ensino, cadeias de produção, organizações ambientais, empresas de transporte (TEPIC et al.,

2012), grupos e associações de fazendeiros que proporcionam informações e *inputs* aos fazendeiros (KASSIE et al., 2012).

A capacidade de absorver e transmitir conhecimento é construída pela manutenção de uma rede diversa de relacionamentos (TEPIC et al., 2012). Essas redes criam oportunidades de acesso a novos conhecimentos e facilitam o processo de assimilação dos mesmos (COHEN; LEVINTHAL, 1990; TSAI, 2001).

Estudos sobre as capacidades sociais das organizações demonstram que a conectividade e a socialização aumentam a capacidade absorptiva realizada delas. Complementarmente, as relações que permitem a aquisição de conhecimento externo já se mostraram significantes para que se tenha capacidade absorptiva (KOSTOPOULOS et al., 2011).

Aversão ao Risco

Os gestores de fazendas bem-sucedidos são aqueles que capturam as oportunidades do ambiente, apresentando propensão a assumir riscos (SHADBOLT; OLUBODE-AWOSOLA, 2016). Logo, a habilidade de adaptação em cenários de incerteza gera a necessidade de se estudar a aversão ao risco e como ela se apresenta de acordo com as características dos fazendeiros. Essa aversão pode ser uma barreira à aplicação de novos conhecimentos, uma vez que as inovações nas organizações resultam da aceitação ao risco (DAMANPOUR, 1991).

Fazendeiros com maiores capacidades empreendedoras possuem uma percepção positiva sobre risco, e percebem vantagens nas condições de incerteza (SHADBOLT; OLUBODE-AWOSOLA, 2016). Reduzida a aversão ao risco, melhores práticas de gestão e tomada de decisão e habilidades diferenciadas são também características de fazendeiros que tendem a ser os primeiros a adotar inovações (O'DONOGHUE; HEANUE, 2018).

A habilidade de enfrentar situações de incerteza e de desejar o risco é uma das características do pensamento inovador (ROGERS, 1995). Logo, a exploração de novas ideias nas fazendas pode estar relacionada à habilidade de aceitar risco. Portanto, a identificação de características mais presentes naqueles que possuem menor aversão ao risco pode compor o conjunto de fatores que maximizam os resultados nas fazendas correspondentes.

Performance Financeira

A performance financeira é uma medida subjetiva de como uma empresa pode usar seus ativos no seu modelo de negócios e gerar receitas (MADRID-GUIJARRO; GARCIA; VAN AUKEN, 2009). É o grau com que os objetivos financeiros estão sendo alcançados. Reflete principalmente os resultados do negócio em um determinado período de tempo, indicando o quão bem a empresa está utilizando seus recursos para maximizar lucros (MADRID-GUIJARRO; GARCIA; VAN AUKEN, 2009).

Estudos anteriores encontraram que uma elevada lucratividade como resultado da implementação de inovações é reflexo de uma maior capacidade de explorar conhecimento externo (TEPIC et al., 2012; ZAHRA; GEORGE, 2002).

É esperado que aqueles fazendeiros que convertem a exploração do conhecimento em aplicações rentáveis tenham maior performance financeira (TEPIC et al., 2012). De fato, estudos confirmam que fazendeiros com maior capacidade absorptiva apresentam maior performance financeira (KOSTOPOULOS et al., 2011; TEPIC et al., 2012).

3 MÉTODO

Com a finalidade de analisar o comportamento dos construtos apresentados e características descritivas dos fazendeiros, foi realizada uma pesquisa de natureza quantitativa do tipo *survey* (FREITAS; PIERRE; FRANCE, 2000). O estudo tem um propósito descritivo, no qual verifica-se a correspondência entre a percepção dos fatos e a realidade (PINSSONNEAULT; KRAEMER, 1993).

A amostra é composta por 269 respondentes dos estados do Rio Grande do Sul e Paraná que, juntos, representam 13% do total de estabelecimentos do agronegócio no Brasil. Esses dois estados estão entre os cinco com maiores taxas do índice de Competitividade no Agronegócio (CONFEDERAÇÃO DA AGRICULTURA E PECUÁRIA DO BRASIL, 2014). Ambos os estados são importantes para a produção agrícola do país, pois oferecem produtos específicos do clima frio do Sul do Brasil, como uvas e arroz, principalmente produzidos no Rio Grande do Sul (IBGE, 2017). O estado do Rio Grande do Sul é o segundo maior produtor de soja, seguido pelo Paraná em terceiro lugar, sendo esta cultura a principal *commodity* do país (IBGE, 2017). Além disso, ambos os estados tem papéis importantes na produção pecuária (IBGE, 2017).

O questionário foi adaptado de estudos anteriores, reunindo cinco dimensões: capacidade absorptiva potencial, capacidade absorptiva realizada (JANSEN; VAN DEN BOSCH; VOLBERDA, 2005), capital social (MICHEELS; NOLAN, 2016), aversão ao risco (SHADBOLT; OLUBODE-AWOSOLA, 2016) e performance financeira (GUNDAY et al., 2011). A capacidade absorptiva potencial inclui dois construtos de segunda ordem, sendo eles: aquisição e assimilação. Similarmente, a capacidade absorptiva realizada inclui transformação e exploração (JANSEN; VAN DEN BOSCH; VOLBERDA, 2005; ZAHRA; GEORGE, 2002).

As questões foram traduzidas para o português, adaptadas à linguagem dos fazendeiros e validadas previamente com 11 fazendeiros. Os respondentes concordaram com o termo de consentimento para participação na pesquisa. O questionário final foi composto por nove questões para obtenção das variáveis de controle e 36 questões a respeito das dimensões selecionadas para este estudo. Todas as dimensões exceto performance financeira (que já foi amplamente testada em outros contextos) foram extraídas de modelos previamente aplicados na realidade do agronegócio.

Para medir o nível de influência das dimensões selecionadas, foi utilizada uma escala Likert de cinco itens, sendo um: discordo totalmente e cinco: concordo totalmente para as dimensões: capital social, a capacidade absorptiva e a aversão ao risco. Para a performance financeira, a escala representa um para baixo desempenho e cinco para alto desempenho, baseado nas percepções dos fazendeiros sobre seu próprio negócio, nos últimos três anos (GUNDAY et al., 2011).

A fim de abranger o tema no setor do agronegócio, o critério de seleção da amostra é a presença de atividade-fim na fazenda e sua localização. Foram selecionados fazendeiros que trabalham diretamente com agricultura, pecuária, pecuária leiteira e/ou agroindústrias. Os dados foram coletados entre 11 de dezembro de 2018 e 15 de fevereiro de 2019, caracterizando uma pesquisa do tipo corte-transversal, uma vez que a coleta é feita em um único momento (SAMPIERI; COLLADO; LUCIO, 2010). Foram selecionados fazendeiros com base nas localidades de sua fazenda, e então, aplicou-se a técnica de amostragem não probabilística bola de neve, em que os respondentes indicam outros respondentes potenciais com base na rede de contato deles (MALHOTRA, 2015). O questionário foi enviado eletronicamente utilizando o software Qualtrics®.

Após a etapa de limpeza dos dados, restaram 222 respostas satisfatórias. 25 foram excluídos por se localizarem em estados brasileiros diferentes de Paraná e Rio Grande do Sul. Outros 12 fazendeiros foram retirados da amostra por terem enviado respostas incompletas nas questões demográficas. O teste de Mahalanobis foi calculado para identificar outliers (HAIR et al., 2014) e resultou na exclusão de 10 outliers da amostra.

Os dados foram codificados e organizados por meio de planilhas do software Excel® e do software SPSS®, no qual os dados foram tabulados e analisado. Assim, a análise dos dados foi feita por meio de estatística descritiva.

4 RESULTADOS

A Tabela 1 apresenta os resultados das características demográficas da amostra. Do total de 222 respondentes, 87,4% são do sexo masculino e 77% na faixa etária de 25 a 54 anos. Os resultados são similares às estatísticas nacionais que descrevem os fazendeiros brasileiros: 90% são do sexo masculino e 60% entre 30 e 59 anos (IBGE, 2017). O total de respondentes do Paraná correspondem a 20,3% da amostra, enquanto a maioria, 79,7%, está localizada no Rio Grande do Sul, que e o estado da região Sul com maior uso da terra e produção de gado (IBGE, 2017).

Quanto ao tamanho da propriedade, as fazendas grandes totalizaram 47,8% da amostra, enquanto as médias e pequenas propriedades resultaram em representatividade parecida de 26%. A respeito da atividade da fazenda, 81,5% trabalham com pecuária, 62,2% com agricultura, 9,5% com pecuária leiteira e 3,6% com agroindústrias. Apenas 13,1% dos respondentes não trabalham com agricultura ou pecuária, atividades mais presentes no agronegócio brasileiro.

A maioria dos fazendeiros já possui um sucessor para a gestão da fazenda (74,32%), o que contribui para a continuidade dos negócios. A maioria afirmou ter renda acima de dez salários mínimos (36,94%), e o restante dividido entre seis a dez (27,03%) e três a seis (24,77%). O resultado obtido sobre renda corrobora com o tamanho das fazendas na amostra, que são em sua maioria grandes e, portanto, tendem a apresentar maiores lucros, conseqüentemente, gerando maior renda para o fazendeiro.

Quanto ao grau escolar, a maioria dos fazendeiros tem ensino superior (43,69%), seguido por fazendeiros que possuem pós-graduação (29,73%). Esse resultado possui ligação com a renda e idade dos gestores, assumindo-se que aqueles mais jovens têm mais propensão em buscar aprimorar conhecimentos e os de maior renda possuem uma situação financeira favorável para conduzirem mais estudos na sua carreira.

Tabela 1: Estatística descritiva das características dos fazendeiros

<u>Variável</u>	<u>Categoria</u>	<u>Contagem (percentual)</u>
Sexo	Masculino	194 (87,39%)
	Feminino	28 (12,61%)
Faixa Etária	15 – 24	21 (9,46%)
	25 – 54	171 (77,03%)
	55 – 64	24 (10,81%)
	≥ 65	6 (2,70%)
Localização	Rio Grande do Sul	177 (79,73%)
	Paraná	45 (20,27%)
Tamanho da propriedade	Pequena	57 (25,68%)
	Média	59 (26,58%)
	Grande	106 (47,75%)

Atividade da fazenda*	Agricultura	139 (62,61%)
	Pecuária	181 (81,53%)
	Pecuária Leiteira	21 (9,46%)
	Agroindústria	8 (3,60%)
Presença de Sucessor	Sim	165 (74,32%)
	Não	57 (25,68%)
Grau escolar	Ensino Fundamental	17 (7,66%)
	Ensino Médio	42 (18,92%)
	Ensino Superior	97 (43,69%)
	Pós-Graduação	66 (29,73%)
Renda (salários mínimos)	< 1	2 (0,90%)
	1 – 3	23 (10,36%)
	3 – 6	55 (24,77%)
	6 - 10	60 (27,03%)
	> 10	82 (36,94%)

*Nota. As atividades da fazenda podem ser sobrepostas.

A Tabela 2 apresenta os resultados médios da escala de um a cinco quanto a identificação do fazendeiro com afirmações pertencentes às cinco dimensões: capacidade absorptiva potencial (CAP), capacidade absorptiva realizada (CAR), capital social (CS), aversão ao risco (AR) e performance financeira (PF).

Tabela 2: Resultado das variáveis das dimensões

Fatores	μ	dp
Fator 1: Capacidade Absortiva Potencial (CAP)		
Aquisição		
CAP1: Eu busco informações com outras pessoas sobre o desenvolvimento do agronegócio.	4,65	,680
CAP2: Eu participo de seminários e conferências para atualizar os meus conhecimentos pelo menos duas vezes por ano.	4,16	1,214
CAP3: Eu dedico muito tempo a parceiros que me proporcionem conhecimento e informação sobre inovações no agronegócio.	3,91	1,019
CAP4: Tenho habilidades para me relacionar com pessoas que me proporcionem conhecimento e informação sobre inovações no agronegócio.	4,41	,777
Assimilação		
CAP5: Minha fazenda está sempre entre as primeiras a reconhecer mudanças nas possibilidades técnicas do negócio.	3,66	1,019
CAP6: Minha fazenda está sempre entre as primeiras a reconhecer mudanças em regulamentações.	3,53	,964
CAP7: Minha fazenda está sempre entre as primeiras a reconhecer mudanças no mercado.	3,74	,933
CAP8: Eu detecto facilmente novas possibilidades para novos clientes da fazenda.	3,67	,930
CAP9: Eu dedico muito tempo para conversar com pessoas a fim de reconhecer antecipadamente mudanças no agronegócio.	3,79	1,057
CAP10: Tenho habilidades para dialogar com pessoas sobre como as mudanças no agronegócio podem ser usadas para fazer alterações na fazenda.	4,16	,888
Fator 2: Capacidade Absortiva Realizada (CAR)		
Transformação		
CAR1: Eu registro e armazeno novos conhecimentos adquiridos para referência futura.	4,10	,995
CAR2: Minha fazenda reconhece rapidamente a utilidade de novos conhecimentos externos para o conhecimento já existente.	4,04	,897
CAR3: Tenho conversas mensais com pessoas externas ao meu negócio sobre como as tendências do mercado poderiam melhorar meu negócio.	4,02	1,063
CAR4: Dedico muito tempo para transformação de informações externas em adaptações para o meu negócio.	3,61	1,078
CAR5: Tenho habilidades suficientes para transformar informações externas em adaptações para o meu negócio.	3,87	,883
Exploração		
CAR6: Eu transformo informações externas diretamente em novas aplicações no meu negócio.	3,65	,938
CAR7: A aplicação de informações externas em meu negócio contribui para minha lucratividade.	4,22	,773
CAR8: Eu tenho habilidades suficientes para converter informações externas em lucratividade.	3,92	,818

Fator 3: Capital Social (CS)

CS1: Uma formação acadêmica comum entre funcionários das fazendas vizinhas permite interações sociais.	3,82	1,103
	3,91	1,025
CS2: Eu tenho uma rede informal de relacionamentos entre clientes, fornecedores e concorrentes.	3,42	1,055
CS3: Eu considero que outras empresas sentem dever de apoiar meu negócio em tempos de dificuldade, então considero justo que eu deva também dar suporte a outras empresas	3,86	1,159
	3,53	1,164
CS4: Eu considero que o futuro de minha fazenda está relacionado com o de outras empresas na região.		
CS5: Minha fazenda recebe muitas informações sobre produtos e mercados de instituições locais.		
CS6: Me relacionar com fornecedores e clientes tem tido um impacto significativo no desenvolvimento de novas ideias para minha fazenda.	4,32	,786
CS7: Me relacionar com fornecedores e clientes tem tido um impacto significativo na aquisição de recursos importantes.	4,19	,835
CS8: Me relacionar com fornecedores e clientes tem tido um impacto significativo no desenvolvimento de novas atividades na fazenda.	4,20	,860
Fator 4: Aversão ao risco		
AR1: No curto prazo sou capaz de gerenciar quase todas as incertezas que ocorrem na fazenda.	3,50	1,112
AR2: No longo prazo sou capaz de gerenciar quase todas as incertezas que ocorrem na fazenda.	3,90	,978
AR3: Eu acho difícil planejar, pois o futuro é muito incerto	3,28	1,318
AR4: Eu acho difícil de fazer uma escolha quando há várias soluções para um problema.	3,66	1,251
AR5: Eu prefiro não correr riscos quando se trata de negócios.	3,01	1,364
Fator 5: Performance Financeira		
PF1: Retorno sobre ativos (lucro / total do ativo)	3,16	1,088
PF2: Rentabilidade geral da empresa	3,26	1,043
PF3: Retorno sobre as vendas (lucro / vendas totais)	3,27	1,105
PF4: Fluxo de caixa excluindo investimentos	3,27	1,108
PF5: Vendas totais	3,50	1,067

Nota. μ = médias (intervalo 1 – 5); dp = desvio padrão

As médias de CAP entre 3,53 e 4,65 sugerem que os fazendeiros se consideram capazes de assimilar e adquirir conhecimento (TEPIC et al., 2012). A maior média no grupo Aquisição foi CAP1 com 4,65 mostra que há um esforço por parte dos fazendeiros na busca por informação, o que corrobora com a segunda maior média de PAC4 com 4,41 confirmando que além de buscarem informação, possuem habilidades para fazerem contato com parceiros que podem oferecer novos conhecimentos. A maior média para Assimilação foi CAP10 com 4,16 apresenta que possuem também habilidade para discutir com esses parceiros formas de aplicação, o que já indica uma tendência positiva a apresentarem os elementos da CAR, em que aplicam o que adquiriram e assimilaram.

Conforme o esperado, para CAR (CAR), as médias também se mostraram elevadas, entre 3,61 e 4,22. A variável de maior média para o subconstruto Transformação foi CAR1 com 4,10 evidencia o fato de guardarem informação para referência futura, e portanto já se prevê a intenção de utilizá-la e aplicá-la na fazenda. Em linha com esse pensamento, a maior média para Exploração, RAC1 com 4,22, mostra que essa conversão de conhecimento externo em aplicações ocorre e traz resultado financeiro.

Todas as variáveis de capital social apresentam maiores médias do que as encontradas pelo estudo de Micheels e Nolan (2016). O mesmo ocorreu para as médias de capacidade absorviva, que se apresentaram maiores do que as previamente encontradas (MICHEELS; NOLAN, 2016). Os resultados para CS reforçam estudos passados que afirmam que as relações sociais, o networking e

fortes redes de relacionamento com stakeholders estão presentes quanto a capacidade de assimilar conhecimento é alta (JARA-ROJAS; E. BRAVO-URETA; DÍAZ, 2012; MICHEELS; NOLAN, 2016; TEPIC et al., 2012; TSAI, 2001). Isso confirma a importância do CS no contexto do agronegócio (MICHEELS; NOLAN, 2016), e seus benefícios trazidos quando a fazenda se torna uma rede de conexões entre pessoas (WILSON, 2000). Os resultados implicam que o CS entre os fazendeiros é alto, o que cria um ambiente favorável para que possam interagir com parceiros, gerar conhecimento pela troca de informações e, conseqüentemente estarem mais preparados para receberem inovações.

A dimensão de AR apresentou as menores médias, depois de PF. A variável de maior média foi a habilidade de os fazendeiros gerenciarem quase todas as incertezas que enfrentam no longo prazo seguido pela mesma habilidade no curto prazo. O fato de serem melhores com incertezas a longo prazo mostra características de planejamento. Porém quando questionados sobre correr riscos nos negócios, os respondentes mostraram a menor média da dimensão (AR5 = 3,01), evidenciando que quando se trata diretamente de risco, eles possuem maior aversão.

Quanto à PF, as médias ficaram acima do ponto neutro, entre 3,16 e 3,5. Apesar de não serem médias altas, nenhuma afirmação mostrou média abaixo de 3, o que sugere que os fazendeiros percebem algum desempenho, porém não é drasticamente elevado. Os resultados são similares aos encontrados no estudo sobre inovação de Gunday et al (2012).

A Tabela 3 apresenta as médias obtidas das respostas de cada dimensão para cada característica demográfica dos fazendeiros. Observa-se que os homens e os mais jovens (15 a 24 anos) são os que possuem menor AR, maior CAR e maior PF. Essa mesma faixa etária apresenta maior CS, porém quanto ao gênero, essa habilidade é mais percebida pelas mulheres. Esses resultados podem ser explicados pelo fato de os homens, presentes no agronegócio como protagonistas em uma sociedade patriarcal, demonstrarem maior coragem e incentivos para aceitar desafios, e, portanto, desempenham melhor, tanto transformando conhecimentos em aplicações na fazenda quanto em obter retorno financeiro. No entanto, as mulheres, já conhecidas pelas suas habilidades sociais, desempenham melhor no que tange aos relacionamentos e estabelecimento de redes de contato. Quanto à idade, é sabido a tendência dos jovens em apresentar menor AR e de maior CS. No entanto, a CAP ainda é maior entre fazendeiros adultos de 25 a 54 anos.

Tabela 3: Médias Relacionando Variáveis Demográficas com as Dimensões

<u>Variável</u>	<u>Categoria</u>	<u>CAP</u>	<u>CAR</u>	<u>CS</u>	<u>AR</u>	<u>PF</u>
Sexo	Feminino	3,97	3,85	4,06	3,31	3,11
	Masculino	3,95	3,93	3,97	3,48	3,33
Faixa-etária	15 - 24	3,89	4,06	3,96	3,75	3,55
	25 - 54	4,00	3,95	3,91	3,44	3,27
	55 - 64	3,8	3,8	3,93	3,56	3,32
	≥ 65	3,5	3,13	3,15	2,78	3,13
Localização	Paraná	3,86	3,88	3,89	3,21	3,21
	Rio Grande do Sul	3,98	3,93	3,89	3,52	3,32
Tamanho da propriedade	Pequena	3,67	3,75	3,83	3,39	3,21
	Média	3,94	3,88	3,92	3,46	3,22
	Grande	4,12	4,03	3,91	3,49	3,39
Atividade da fazenda*	Agricultura	3,97	3,97	3,81	3,46	3,44

	Pecuária	3,98	3,96	3,89	3,49	3,24
	Pecuária Leiteira	3,84	3,92	3,86	3,18	3,29
	Agroindústria	4,06	3,88	3,98	2,97	3,09
Presença de sucessor	Sim	3,95	3,88	3,9	3,55	3,29
	Não	4,06	4,08	3,87	3,44	3,41
Grau Escolar	Ensino Fundamental	3,59	3,52	3,73	3,1	3,62
	Ensino Médio	3,8	3,82	3,94	3,36	3,14
	Ensino Superior	4,04	3,97	3,9	3,54	3,35
	Pós-Graduação	4,02	4,01	3,89	3,5	3,24
Renda (salários mínimos)	< 1	3,00	3,13	3,19	3,6	3,5
	1 - 3	3,67	3,58	3,85	3,35	2,83
	3 - 6	3,94	3,9	3,9	3,33	3,34
	6 - 10	3,99	3,89	3,92	3,51	3,29
	> 10	4,05	4,08	3,89	3,54	3,41

Um fato importante é que os fazendeiros mais velhos (com mais de 65 anos) apresentaram as menores médias para todas as dimensões estudadas, ou seja, maior AR, menor capacidade absorviva, menor capital social e menor performance financeira. Uma possível explicação é o fato de estarem em fim de carreira e possivelmente refletirem características dessa geração mais conservadora. O mesmo foi apresentado pelos fazendeiros de pequenas propriedades, enquanto gestores de fazendas maiores apresentaram menor AR, maior habilidade tanto de assimilar e adquirir conhecimento, quanto de transformá-lo e explorá-lo. Além disso, nas maiores fazendas se percebeu maior performance financeira, o que pode ser explicado pelas operações de grande escala, em que se consegue melhores negociações com fornecedores, assim como maior alcance nas vendas. Essas características estão em concordância com o fato de retardatários serem aqueles de menores portes (ROGERS, 1995).

Os resultados relacionados à renda são similares aos observados no tamanho da fazenda, quanto maior a renda, maior a capacidade absorviva e performance financeira. Renda entre seis e dez salários mínimos apresentou maior CS. Porém, os fazendeiros de menor renda apresentaram menor AR, uma possível explicação é a facilidade em se obter crédito aliada à falta de orientação, proporcionado pela atração pelos juros subsidiados.

Aqueles que possuem pós-graduação apresentaram as maiores médias de CAR. O fato de os fazendeiros buscarem aprendizado está ligado com a capacidade de transformar os conhecimentos aprendidos. Analogamente, fazendeiros graduados possuem elevada habilidade de assimilar os conhecimentos que buscam (média 4,04) mas também de explorá-los (média 4,02), assim como aqueles que procuram a especialização (média 4,01). Já as menores médias foram apresentadas por fazendeiros que possuem apenas ensino fundamental, exceto para PF que, apresentou as maiores médias para esse grupo de fazendeiros. Aqueles que não buscaram estudo fora do meio rural, nas cidades, possivelmente concentram menores despesas mensais, por manterem a vida simples no campo, aproveitando a mão-de-obra própria e da família para as atividades da fazenda.

A capacidade absorviva e a PF são maiores para aqueles que não possuem um sucessor para a fazenda. Esse resultado mostra que, sem uma segurança de se ter um filho ou liderado para assumir o negócio, os fazendeiros se mostram mais capazes de adquirir conhecimentos e sabem como transformá-los em aplicações na fazenda.

Similarmente, desempenham melhor financeiramente. No entanto, fazendeiros que possuem um sucessor na gestão apresentam menor AR, o que pode ser explicado por uma redução na pressão do negócio ao se ter a segurança de uma gestão duradoura, que pode levar a aceitação de desafios maiores.

Por fim, quanto à atividade da fazenda, a pecuária mostrou menor AR, possivelmente por ser no geral um modelo que proporciona ao pecuarista segurança, se comparado aos demais, devido ao menor número de variáveis que influenciam o negócio. A pecuária possui menos variáveis que a agricultura, tornando um ambiente mais estável para se aceitar riscos. As agroindústrias apresentaram maior capital social e capacidade absorptiva potencial. O capital social mais elevado pode ter relação com o fato de serem indústrias locais, que contribui para uma rede forte de interações, formando um ambiente propício também para a assimilação dos conhecimentos trocados entre os membros dessa rede. A agricultura mostrou maiores médias para CAR e PF. Essa atividade tem grande atração de inovações de meios para aumentar a produtividade da terra, o que gera um contexto em que o conhecimento externo precisa ser aplicado, e pode contribuir para aumentar a CAR apresentada por quem trabalha com agricultura. Os resultados corroboram com estudos passados, uma vez que a capacidade de transformar e explorar conhecimento gera PF (JANSEN; VAN DEN BOSCH; VOLBERDA, 2005; TEPIC et al., 2012).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo analisar o comportamento dos construtos capacidade absorptiva, capital social, aversão ao risco, performance financeira e características dos fazendeiros do sul do Brasil, por meio de uma pesquisa quantitativa descritiva entre 222 gestores de fazendas localizadas no Rio Grande do Sul e Paraná.

Os resultados mostram que os fazendeiros possuem capacidade de assimilar e adquirir conhecimento, exercitando a busca por conhecimento externo e valorizando o contato com parceiros que ofereçam essa troca (MICHEELS; NOLAN, 2016; TEPIC et al., 2012). Possuem também capacidade de transformar e explorar, evidenciando o registro de conhecimento para utilização futura (TEPIC et al., 2012) e confirmando que transformam o conhecimento em aplicações concretas na fazenda e percebem que isso gera retorno (MICHEELS; NOLAN, 2016). Além disso, os fazendeiros reconhecem o valor do CS, com médias elevadas entre 3,42 e 4,32. AR apresentou médias entre 3,01 e 3,90 que mostraram mais habilidades em trabalhar com incertezas do que aceitar o risco diretamente. Quanto à PF, os resultados foram acima do ponto neutro, mostrando que as características apresentadas estão relacionadas aos retornos financeiros, porém os esforços podem estar sendo neutralizados pela influência de fatores mediadores.

Com esses resultados, é possível criar orientação aos fazendeiros que buscam aprimorar sua gestão e aumentar PF, que pode ser ainda maior se as características forem aprimoradas. Um possível direcionamento é dedicar esforços no estabelecimento de redes de contato, para que se tenha um ambiente favorável à absorção de novos conhecimentos (JANSEN; VAN DEN BOSCH; VOLBERDA, 2005; MICHEELS; NOLAN, 2016). Outra possível ação é estabelecer contato com fazendeiros jovens e aprender por meio da troca a assumir mais riscos, tornando-se assim mais preparado para inovar (ABADI GHADIM; PANNELL, 1999; SHADBOLT; OLUBODE-AWOSOLA, 2016).

Este trabalho enriquece a gama de produções acadêmicas acerca do agronegócio, apresentando resultados estatísticos inéditos para esse contexto. Além disso, traz informações que podem ser utilizadas por acadêmicos com o intuito de compreender as características daqueles que protagonizam o agronegócio brasileiro. Como implicações gerenciais, o trabalho disponibiliza informações importantes para gestores de fazendas, que podem usufruir delas a fim de identificar comportamentos e ações que tragam benefícios para o negócio. Além disso, o estudo reforça a importância de se analisar o comportamento desses gestores como forma de buscar maior PF e gerar maior aplicação de conhecimentos. Assim, espera-se que possam sobreviver no mercado e continuar provendo a sociedade com *commodities* para atender à demanda crescente por alimentos (UNITED NATIONS, 2015). Essa era uma preocupação desde os primeiros estudos do agronegócio e suas ligações com outros setores da economia (DAVIS; GOLDBERG, 1957).

Esta pesquisa apresentou resultados importantes, porém traz algumas limitações. Primeiramente, apesar de o tamanho da amostra ser satisfatório, as características dela não representam a completa diversidade do agronegócio brasileiro. A maioria dos respondentes trabalham com as duas maiores atividades, o que traz relevância, porém não traz representatividade dos outros ramos desempenhados no agronegócio. Por isso, recomenda-se que pesquisas futuras utilizem uma amostra maior e mais heterogênea.

Além disso, a pesquisa aborda as capacidades inovativas dos fazendeiros como consequência da absorção e aplicação de novos conhecimentos. A aplicação de uma escala de adoção de inovação é encorajada para pesquisas futuras. Assim, poderá se observar se os fazendeiros mostram relacionamentos relevantes quanto à adoção de inovações na fazenda. Complementarmente, recomenda-se para estudos futuros a condução de um modelo estatístico que teste as relações entre os construtos, observando se a influência entre eles maximiza a performance financeira, ou, ainda, a adoção de inovação nas fazendas. Entretanto este trabalho e estudos futuros podem juntos contribuir para que se traga atenção ao tema e se possa compreender o comportamento dos fazendeiros para que o agronegócio continue crescendo.

REFERÊNCIAS

ABADI GHADIM, A. K.; PANNELL, D. J. A conceptual framework of adoption of an agricultural innovation. **Agricultural Economics**, v. 21, n. 2, p. 145–154, 1999.

ADLER, P. S.; KWON, S. W. Social capital: Prospects for a new concept. **Academy of Management Review**, v. 27, n. 1, p. 17–40, 2002.

ARIAS, D. et al. **Agriculture Productivity Growth in Brazil** World Bank Group. [s.l.: s.n.].

COHEN, W. M.; LEVINTHAL, D. A. Absorptive Capacity: A New Perspective on Learning and Innovation. **Administrative Science Quarterly**, v. 35, n. 1, p. 128, mar. 1990.

CONFEDERAÇÃO DA AGRICULTURA E PECUÁRIA DO BRASIL. **Índice de Competitividade do Agronegócio**. Brasília: [s.n.].

CONNOLLY, A. J.; TURNER, J.; POTOCKI, A. D. Ignite your corporate innovation: Insights from setting up an ag-tech start-up accelerator. **International Food and**

Agribusiness Management Review, v. 21, n. 6, p. 833–846, 2018.

DAMANPOUR, F. Organizational Innovation: A Meta-Analysis of Effects of Determinants and Moderators. **Academy of Management**, v. 34, n. 3, p. 555–590, 1991.

DAVIS, J. H.; GOLDBERG, R. A. **A Concept of Agribusiness**. Boston: [s.n.].

FAO. **The State of Food and Agriculture: Leveraging Food Systems for Inclusive Rural Transformation** Food and Agriculture Organization of the United Nations. Rome: [s.n.].

FREITAS, H.; PIERRE, U.; FRANCE, M. Henrique Freitas Mírian Oliveira Amarolinda Zanela Saccol Jean Moscarola. **Revista de Administração da USP, RAUSP**, n. 3, p. 105–112, 2000.

GUNDAY, G. et al. Effects of innovation types on firm performance. **International Journal of Production Economics**, v. 133, n. 2, p. 662–676, out. 2011.

HAIR, J. F. et al. **Multivariate data analysis**. [s.l: s.n.].

HIGGINS, L. M.; SCHROETER, C.; WRIGHT, C. Lighting the flame of entrepreneurship among agribusiness students. **International Food and Agribusiness Management Review**, v. 21, n. 1, p. 121–132, 2018.

IBGE. **Pesquisa da Pecuária Municipal 2017** Brazilian Institute of Geography and Statistics Rio de Janeiro, 2017. Disponível em: <<https://sidra.ibge.gov.br/pesquisa/ppm/quadros/brasil/2017>>

JANSEN, J. J. P.; VAN DEN BOSCH, F. A. J.; VOLBERDA, H. W. Managing Potential and Realized Absorptive Capacity: How do Organizational Antecedents Matter? **Academy of Management Journal**, v. 48, n. 6, p. 999–1015, dez. 2005.

JARA-ROJAS, R.; BRAVO-URETA, B.; DÍAZ, J. Adoption of water conservation practices: A socioeconomic analysis of small-scale farmers in Central Chile. **Agricultural Systems**, v. 110, p. 54–62, 2012.

KASSIE, M. et al. Adoption of interrelated sustainable agricultural practices in smallholder systems: Evidence from rural Tanzania. **Technological Forecasting and Social Change**, v. 80, n. 3, p. 525–540, 2012.

KOSTOPOULOS, K. et al. Absorptive capacity, innovation, and financial performance. **Journal of Business Research**, v. 64, n. 12, p. 1335–1343, 2011.

MADRID-GUIJARRO, A.; GARCIA, D.; VAN AUKEN, H. Barriers to innovation among spanish manufacturing SMEs. **Journal of Small Business Management**, v. 47, n. 4, p. 465–488, 2009.

MALHOTRA, N. K. **Essentials of Marketing Research: A Hands-On Orientation**. [s.l: s.n.].

MICHEELS, E. T.; NOLAN, J. F. Examining the effects of absorptive capacity and

social capital on the adoption of agricultural innovations: A Canadian Prairie case study. **Agricultural Systems**, v. 145, p. 127–138, 2016.

O'DONOGHUE, C.; HEANUE, K. The impact of formal agricultural education on farm level innovation and management practices. **The Journal of Technology Transfer**, v. 43, n. 4, p. 844–863, 5 ago. 2018.

PINSSONNEAULT, A.; KRAEMER, K. L. Survey Research Methodology in Management Information Systems: An Assessment. **Journal of Management Information Systems**, v. 10, n. 2, p. 75–105, 1993.

RIVERA, M. et al. The Role of Social Capital in Agricultural and Rural Development: Lessons Learnt from Case Studies in Seven Countries. **Sociologia Ruralis**, v. 59, n. 1, p. 66–91, 2019.

ROGERS, E. M. **Diffusion of innovations**. 3. ed. New York: [s.n.].

SAMPIERI, R. H.; COLLADO, C. F.; LUCIO, M. DEL P. B. **Metodología de la investigación**. 5. ed. Colonia Desarrollo Santa Fe: McGRAW-HILL, 2010.

SHADBOLT, N. M.; OLUBODE-AWOSOLA, F. Resilience, risk and entrepreneurship. **International Food and Agribusiness Management Review**, v. 19, n. 2, p. 33–52, 2016.

TEPIC, M. et al. The influence of networking and absorptive capacity on the innovativeness of farmers in the dutch pork sector. **International Food and Agribusiness Management Review**, v. 15, n. 3, p. 1–34, 2012.

TOMA, L. et al. Impact of information transfer on farmers' uptake of innovative crop technologies: a structural equation model applied to survey data. **J Technol Transf**, p. 864–881, 2016.

TSAI, W. Knowledge transfer in intraorganizational networks: effects of network absorptive capacity on business unit innovation and performance. **Academy of Management Journal**, v. 44, n. 5, p. 996–1004, 1 out. 2001.

UNITED NATIONS. **World Population Prospects: The 2015 Revision Department of Economic and Social Affairs, Population Division**. New York: [s.n.]. Disponível em: <http://www.americanbanker.com/issues/179_124/which-city-is-the-next-big-fintech-hub-new-york-stakes-its-claim-1068345-1.html> <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/15003161> <http://cid.oxfordjournals.org/lookup/doi/10.1093/cid/cir991> <http://www.scielo>>.

WILSON, P. N. Social Capital, Trust, and the Agribusiness of Economics. **Journal of Agricultural and Resource Economics**, v. 25, n. 1, p. 1–13, 2000.

ZAHRA, S. A.; GEORGE, G. Absorptive Capacity: A Review, Reconceptualization, and Extension. **Academy of Management Review**, v. 27, n. 2, p. 185–203, abr. 2002.